

Por que atrair P&D de multinacionais?

Especialistas destacam importância e apontam iniciativas nesta linha.

Cada vez mais as multinacionais têm investido em P&D fora de seus países de origem. Entre outros motivos, devido à importância dos mercados regionais, melhoria de tecnologias de comunicação, flexibilidade para deslocamento físico de equipamentos e pessoas, busca por força de trabalho qualificada e redução de custos. Por não contar com uma política estruturada para atrair P&D de multinacionais, o Brasil recebe menos investimentos do que países como Índia e China, hoje, líderes no quesito outsourcing (terceirização).

De olho nisso, a ANPEI (Associação Nacional de Pesquisa, Desenvolvimento e Engenharia das Empresas Inovadoras) e a ABDI (Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial) firmaram uma parceria que pretende aproximar o Brasil destes líderes asiáticos e garantir, entre outros benefícios, uma maior geração de empregos para mão-de-obra altamente qualificada, a ascensão de subsidiárias brasileiras de multinacionais em projetos globais e o fortalecimento de empresas brasileiras para que se tornem fornecedoras e competidoras em potencial de empresas estrangeiras.

O projeto "Atratividade do Brasil para centros de P&D mundiais" irá investigar junto às multinacionais já instaladas no País quais são as oportunidades e os interesses em investirem em P&D no Brasil, e também, quais as barreiras e pontos desfavoráveis para tal movimento. O projeto pretende, ainda, estruturar informações sobre a qualificação da mão-de-obra disponível no País, fontes de financiamento para inovação, base científica, etc.

**O Brasil produz muita
pesquisa nas
universidades que têm
dificuldade de entender o
que o mercado precisa.**

Diretor executivo da ANPEI,
Flávio Grynszpan

Segundo o diretor executivo da ANPEI, Flávio Grynszpan, a iniciativa partiu da visão de que o Brasil precisa se mostrar mais ao mercado, como fazem Índia e China, ativos na divulgação de seus países. Até hoje, como o Brasil não tinha um projeto neste sentido, a ANPEI decidiu investigar com as empresas o que poderia ser feito para potencializar seus investimentos em terras brasileiras. "Hoje, o Brasil produz muita pesquisa nas universidades e as instituições têm dificuldade de entender o que o mercado precisa. Acreditamos que buscar na indústria os motivos que potencializariam investimentos em P&D por aqui trata-se de uma boa alternativa", explica.

Razões para investir no Brasil

De acordo com dados explicitados na Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad, sigla em inglês), os países em desenvolvimento que têm atraído investimentos externos em P&D dispõem de infra-estrutura robusta, força de trabalho altamente treinada, razoável proteção à propriedade intelectual e mercados domésticos atraentes. Na opinião do especialista, o Brasil dispõe de alguns desses fatores, como o grande número de doutores que se forma por ano. Além disso, devido à forma como foi

industrializado, possuímos muitas subsidiárias instaladas aqui, facilitando o processo. Várias delas, inclusive, já realizam projetos de P&D no Brasil, mas precisam investir ainda mais.

O setor de informática e de automobilismo são expoentes no que diz respeito a investimentos de multinacionais. Impulsionadas pela lei da informática - que obriga as empresas a investirem uma porcentagem de seus lucros em P&D no País - a Motorola e a IBM são dois grandes exemplos. A Motorola implantou seu pólo tecnológico em Campinas e também criou o Instituto de Pesquisas Eldorado (saiba mais no box ao lado) que, hoje, é responsável pela elaboração de P&D de outros 30 clientes estrangeiros e brasileiros no setor de informática e telecomunicações.

A IBM tem um projeto de qualificação de mão-de-obra chamado de "Oficina do Futuro" que visa formar pessoal para lidar com tecnologias específicas cuja demanda do mercado por profissionais se faz presente e crescente a cada ano. A General Motors é outro exemplo a ser citado, já que se trata de outra multinacional, agora, do setor automobilístico, grande investidora de capital em P&D no Brasil. No que diz respeito à fabricação de produtos automotivos, além dela, outras empresas procuram instalar seus pólos por aqui ou desenvolver pesquisas em parcerias com universidades.

Instituto Eldorado

Criado em 1997 pela Motorola do Brasil, o Instituto de Pesquisas Eldorado - reconhecido como uma OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) - é uma organização sem fins lucrativos que se tornou alternativa para as multinacionais do setor de informática e telecomunicações interessadas em desenvolver P&D fora de seus países de origem.

Hoje, menos de 10 anos após o começo de suas operações (iniciadas em 1999) a fundação conta com mais de 30 clientes entre elas, Semp Toshiba, IBM, Multibrás, Digitron e Lexmark.

A atual preocupação do instituto é ampliar sua participação no mercado global de TIC's e realizar projetos que contribuam para a evolução tecnológica, a capacitação profissional e a consolidação da rede brasileira de pesquisa e desenvolvimento em Tecnologia da Informação e Comunicação.

Atraindo mais investimentos

Vale lembrar que, embora as multinacionais do setor de informática e do setor automobilístico sejam grandes investidoras no Brasil, elas continuam a destinar a maior parte de sua verba para pesquisas em países como China e Índia. Segundo Grynszpan, trata-se de um movimento natural, já que não adianta tentar competir com os preços asiáticos, muito mais atraentes do que o brasileiro. Cabe ao nosso país destacar outros diferenciais competitivos. "A localização geográfica é um ponto que pode contar a nosso favor", explica Grynszpan. Em sua opinião, projetos que precisam de uma proximidade entre o gestor e a equipe de execução pesam a favor do Brasil na balança do outsourcing, já que o deslocamento para países como Índia e China é bem mais complexo.

Aproveitar nossos centros de excelência e as oportunidades em nichos específicos - como o caso da fabricação de carros a álcool no setor automobilístico - é outro ponto que pode contar a favor do Brasil. O especialista também destaca a importância de identificar setores promissores cujas multinacionais podem ser potenciais investidoras em P&D terceirizado e promover uma movimentação para atraí-las para cá. Como exemplo, ele cita a indústria farmacêutica. "Hoje, a indústria farmacêutica tende a descentralizar seus laboratórios de pesquisa pois têm gasto muito dinheiro com propriedade intelectual, sob ameaça em quase todos os países. Assim, elas acabam terceirizando seu P&D para outras empresas e outros países e investem mais em marketing e vendas", explica.

Falta mão-de-obra qualificada e sobra desemprego, reflexos da má qualidade do ensino que começa ruim desde o Ensino Básico e segue até o nível superior.

Gerente do Instituto Eldorado,
Paulo Roberto dos Santos Ivo

O especialista destaca ainda que a extensão da lei de informática para outros setores fundamentais para o crescimento e o desenvolvimento do Brasil, como a própria indústria farmacêutica, bens de capitais e automobilismo, certamente impulsionaria os investimentos em P&D. Além disso, em sua opinião, como em tais setores considerados estratégicos não existe uma empresa brasileira com capacidade de competir com tais multinacionais ou de ingressar no mercado externo, o governo deveria criar subsídios para a criação de uma competidora de origem nacional, a fim de fortalecer o mercado interno, como ocorreu na China. "Para se ter uma idéia, a Lenovo - empresa do setor de informática chinesa - nem existia quando o mercado se abriu para estrangeiros. No entanto, o governo investiu no seu desenvolvimento e, hoje, ela comprou o setor de PC'S da IBM", exemplifica.

Na opinião do Gerente de Desenvolvimento de Negócios e Relações Institucionais do Instituto Eldorado, Paulo Roberto dos Santos Ivo, no Brasil, outro ponto que precisa ser revisto é a alta carga tributária sobre contratação de Recursos Humanos. "Os impostos atrelados à mão-de-obra são muito altos. Não há como falar em competitividade de preços se consideramos os impostos. Aí, o que pesa a nosso favor é a qualificação dos profissionais e a qualidade dos projetos, o que temos acertado em alguns nichos de mercado, mas que ainda sofre com déficits em outros", aponta.

Para reverter este quadro, Ivo enfatiza que o Brasil precisa investir com urgência na qualificação dos jovens. "Hoje, a formação de Engenharia, por exemplo, está muito fraca em relação a outros países. O número de jovens graduados é, também, muito pequeno. Falta mão-de-obra qualificada e sobra desemprego, reflexos da má qualidade da educação que começa ruim desde o Ensino Básico e segue até o nível superior", lamenta.

Disponível em: <<http://www.universia.com.br>>. Acesso em 28 fev. 2007